

a terra é redonda

A prisioneira de Bordeaux



Por JOÃO LANARI BO*

Comentário sobre o filme dirigido por Patricia Mazuy, em exibição nos cinemas.

1.

A prisioneira de Bordeaux, dirigido pela francesa Patricia Mazuy, é (quase) um laboratório etnográfico. A palavra “etnografia” tem origem grega, sendo composta por “ethnos” (povo) e “graphia” (escrita), significando literalmente “escrita sobre um povo”. A etnografia é uma metodologia de pesquisa que envolve a imersão do pesquisador em um determinado grupo social para observá-lo e descrevê-lo em seus aspectos culturais, sociais e comportamentais. É o que diz a Inteligência artificial, essa ferramenta-síntese que invade nosso cotidiano.

Em princípio voltada para a antropologia, a etnografia veio pouco a pouco sendo aplicada em outros campos, como nos estudos de comunicação – onde se inscreve o cinema. *A prisioneira de Bordeaux* é etnográfico na medida em que se desdobra em uma narrativa transcultural, ou *cross-cultural*, envolvendo classes sociais distintas e destacando como os contextos culturais moldam experiências individuais – e, em particular, como essas narrativas podem revelar semelhanças e diferenças na forma como a classe social é entendida e vivida nas diferentes culturas.

O melodrama telenovelesco, por exemplo, apoia-se na *cross-culture*, alimenta-se da curiosidade cruzada entre classes – o burguês da zona sul carioca quer conhecer hábitos e afetos do proletariado suburbano, e o proletariado indaga-se como vive e comporta-se a classe abastada na intimidade. Alma (Isabelle Huppert) encontra Mina (Hafsia Herzi) pela primeira vez na fila de visitas em um presídio, onde ambos os maridos cumprem pena.

Esposas e parentes obedientes deixam seus pertences em armários adornados com adesivos de frutas, enquanto cada uma de suas visitas acontece atrás de portas coloridas, cenário onde emana uma atmosfera ordenada e respeitosa, obviamente diferente do que se esperaria de uma prisão no Brasil. Mina, entretanto, tem um chilique porque confundiu as datas e não poderá ver o marido nesse dia.

Impressionada com a assertividade impetuosa de Mina, Alma a convida para ficar em sua grande mansão em Bordeaux, para que ela não precise voltar para a distante Narbonne antes de retornar à prisão no dia seguinte. Logo Mina instala-se com filhos na casa e consegue emprego, graças à mediação da nova amiga, na clínica do marido de Alma, um neurocirurgião bem-sucedido.

Alma, solitária e sem filhos, vive no conforto entediante do privilégio de classe, assistida por uma empregada de origem checa: Mina, na periferia *lower class*, habita próxima à criminalidade. O afeto que se instala entre as duas, transcultural e improvável, constrói-se em cima de um pragmatismo recíproco – de certa maneira, ambas se veem como um meio para superar adversidades.

a terra é redonda

2.

O eficiente desempenho das atrizes contribui para que não transbordem situações moralizantes – nem Alma está interessada em aprender lições de vida com a hóspede vinda de um ambiente inseguro e difícil, nem Mina deixa-se sensibilizar por um suposto ato de caridade de Alma.

Os sinais de conflitos de classe, não obstante, são inevitáveis: a pena do marido de Alma, pelo atropelamento de mãe e filha, em que a primeira morreu e a segunda ficou paraplégica, é de apenas seis anos, e ele pode sair antes do prazo pelas conexões com a juíza do caso.

O marido de Mina esteve envolvido em um assalto a uma joalheria, cumpre pena mais elevada e, pior, teria ocultado o destino de relógios roubados do parceiro do roubo, que exige ser resarcido. A tensão é incontornável.

Nesse roteiro esquemático e bem construído – escrito pela cineasta e mais três colaboradores, entre eles Emilie Deleuze, filha do filósofo Gilles – a nota que introduz um sutil (mas pervasivo) curto-circuito é a personalidade afirmativa e frontal de Alma, blindada pelo conforto material que o status proporciona – porém desgastada por uma relação de altos e baixos, traições e decepções.

O destaque nesse aspecto fica por conta do excepcional talento de Isabelle Huppert, nos impulsos súbitos em que pula no colo do marido, na prisão, e no momento em que se aproxima e toca a surpresa (e arredia) Mina. Seu arrojo final é a confirmação dessa impulsividade.

O diretor de fotografia Simon Beaufils definiu seu trabalho em *A prisioneira de Bordeaux* dessa forma: “Um filme diurno para o qual buscávamos, acima de tudo, suavidade, gentileza, riqueza de cores na pele e atenção delicada — um filme sobre rostos”

O rosto solar e ambíguo de Huppert diante do rosto bruto e doce de Herzi – é nesse diálogo de imagens, transcultural por certo, que o filme de Patricia Mazuy engendra sua audiência.

***João Lanari Bo** é professor de cinema da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Autor, entre outros livros, de Cinema para russos, cinema para soviéticos (*Bazar do Tempo*) [<https://amzn.to/45rHa9F>]

Referência

A prisioneira de Bordeaux (La prisonnière de Bordeaux).

França, 2024, 108 minutos.

Direção: Patricia Mazuy.

Diretor de fotografia: Simon Beaufils.

Elenco: Isabelle Huppert, Hafsia Herzi. Noor Elasri.